

Faculdade Canção Nova

Helydia Maria Ramos Rezende

A agressão a jornalistas no Vale do Paraíba-SP:
uma grande reportagem impressa

Cachoeira Paulista

2020

Faculdade Canção Nova

Helydia Maria Ramos Rezende

**A agressão a jornalistas no Vale do Paraíba-SP: uma grande
reportagem impressa**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para obtenção do grau de
bacharelado em Jornalismo na
Faculdade Canção Nova sob a
orientação da Prof. Me. Ana Paula
Teixeira Guimarães

Cachoeira Paulista

2020

HELYDIA MARIA RAMOS REZENDE

AGRESSÃO A JORNALISTA NO VALE DO PARAÍBA-SP

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova sob a orientação da Professora Me. Ana Paula Teixeira Guimarães.

Cachoeira_____ em: 11 de dezembro de 2020

Grau: _____


Banca Examinadora:



Me. Ana Paula Teixeira Guimarães – Orientadora
Faculdade Canção Nova



Prof. Me. Marco Antonio Papp
Faculdade Canção Nova



Prof. Me. Tatiane Eulália M. de Carvalho
Faculdade Canção Nova

Cachoeira Paulista
2020

A Deus.

À minha mãe Maria Lucinéa, que me ajudou a providenciar dinheiro para a execução do projeto.

Ao meu namorado, pela paciência, compreensão e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Joana D'Arc, São João Paulo II e ao servo de Deus Padre Léo, a quem clamei intercessão durante o processo de escrita e execução do projeto.

À minha família, em especial, à minha mãe Maria Lucinéa, pelo apoio e confiança nesses quatros anos de faculdade.

Aos Jovens Sarados da missão de Cachoeira Paulista e aos meus colegas Heloísa, Guilherme Simões e Carolina Andrade, pelo apoio deste último ano de faculdade e todas as orações.

À Camila Lucci, Julia Amaral, Fernanda Rocha, que dividiram suas histórias comigo.

À minha orientadora Paula Guimarães, que me acompanhou durante esse último semestre.

Aos profissionais de imprensa, que me ajudaram a buscar histórias e pelos conselhos e incentivos.

“O Jornalismo é como se fosse um fio que liga as pessoas ao mundo.”

(Calebe Lamonier)

RESUMO

A grande reportagem, agressão a jornalistas no Vale do Paraíba- São Paulo, conta a história de três jornalistas do Vale do Paraíba- São Paulo, que sofreram agressão enquanto exercia sua profissão. Este trabalho apresenta essas histórias mostrando como aconteceu e os tipos de agressão mais comum na região, também expando atitudes machistas e preconceituosas que as mulheres sofrem, também o jornalista que não consegue exercer sua função por causa da sociedade. Para entender a questão envolta na atualidade do ambiente jornalístico foi necessário a imersão em pesquisas bibliográficas, no referencial teórico foi usado autores como Lopes (2013); (a identidade e a história do jornalista brasileiro) Marcondes Filho (2009); (o ser jornalista, o poder que uma produção jornalística tem na sociedade e que ela precisa de fatos para acontecer, os quais ocorrem em diversos planos da sociedade e que diariamente se sucedem), Lage (2012), a reportagem, teorias e técnicas entre outros, que discutem sobre ser jornalista, a identidade profissional, o quarto poder, o papel do jornalista, ética, credibilidade jornalística e reportagem. O método de pesquisa começou através de pesquisas bibliográficas, seguido por coletas de dados em entrevistas com jornalistas das principais emissoras e jornais do Vale do Paraíba- SP, e coleta de entrevistas com especialistas sobre comportamento social. Como resultados alcançados, é possível concluir que as agressões a jornalistas no Vale do Paraíba - SP, tem um alvo específico, as mulheres jornalistas. As jornalistas entrevistadas foram agredidas verbalmente por homens nas ruas e assediadas em entrevistas ou na redação e que é possível comunicar sem ser agredido.

Palavras-chaves: Grande Reportagem; Jornalistas; Relatos; Jornalismo

Interpretativo; Vale do Paraíba.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. OBJETIVOS	10
1.1 Objetivo geral	10
1.2 Objetivo específico	10
2. JUSTIFICATIVA	11
3.REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 Papel do jornalista na sociedade	13
3.2 Processo de construção de confiabilidade	15
3.3 Ética jornalística	16
3.4 Agressão a jornalista	19
3.5 Grande reportagem impressa	21
4.DESCRICÃO DO PRODUTO	25
5. DESCRICÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	26
6. SINOPSE	27
7. ORÇAMENTO	28
8.PÚBLICO ALVO	29
9.VIABILIDADE DE PUBLICAÇÃO	30
10.CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERENCIAS	33
APÊNDICE	36
ANEXO	50

INTRODUÇÃO

A grande reportagem sobre a violência ao jornalista no Vale do Paraíba-SP conta a história de três jornalistas que sofreram algum tipo de violência e os motivos por trás do ato, bem como suas opiniões sobre como noticiar sem que sejam agredidas. A violência contra o jornalista, nos primeiros quatro meses do ano, atingiu o número de 179, de acordo com a Fenaj, Federação Nacional dos Jornalistas, e os ataques foram físicos e verbais.

No Vale do Paraíba-SP, o trabalho foi realizado através de uma pesquisa exploratória, buscando conhecimento do Código de Ética dos Jornalistas, autores que defendem a lei de imprensa e o papel do jornalismo na sociedade. A coleta de dados foi feita através de entrevistas com jornalistas de emissoras e jornais da região do Vale do Paraíba-SP, a fim de descobrir como acontece e se acontece a agressão.

Segundo Lopes (2013), o jornalista é aquele que, através da imprensa, tem o poder de transformar a realidade e agir em benefício público. Tendo essa percepção em mente, este trabalho traz uma visão sobre a importância da prestação de serviço do jornalista para a sociedade, visto que ele tem a responsabilidade de fiscalizar os três poderes: executivo, judiciário e legislativo. Mas, afinal, como um jornalista deve noticiar um fato sem que seja agredido?

O jornalista precisa colocar sua vida em primeiro lugar. Assim como a polícia aconselha a não reagir a um assalto, o jornalista não deve reagir ao ser agredido, mas apenas informar às autoridades para que o autor da agressão seja punido. As histórias apresentadas na grande reportagem têm por objetivo mostrar como acontecem as agressões e os tipos mais comuns na região do Vale do Paraíba-SP, expondo atitudes machistas e preconceituosas que as mulheres jornalistas sofrem de entrevistados, e que o jornalista não consegue exercer sua função por ser agredido e precisar sair do local.

O grupo Globo e a Folha de São Paulo decidiram suspender as coberturas do Presidente da República no Palácio da Alvorada, em Brasília. A decisão foi tomada depois de uma sequência de agressões durante a manifestação no dia 03 de maio de 2020, a qual era a favor do Presidente da República. O caso mais conhecido foi o da jornalista da Band News Tv, que, enquanto esperava para entrar ao vivo, foi atacada na cabeça por uma apoiadora do Presidente que segurava uma bandeira do Brasil. Com isso, entende-se que o jornalista tem sido impedido de cumprir o papel de

fiscalizar o poder executivo, pois não tem a segurança devida para o exercício do trabalho.

Inspirado por professores em aula, este trabalho tem por justificativa uma preocupação com a vida dos jornalistas, que precisam sair às ruas atrás de notícias para manter a sociedade informada e exercer seu papel de quarto poder. A não valorização do profissional e a falta de relatos de jornalistas agredidos na região do Vale do Paraíba-SP fizeram com que o presente trabalho trouxesse uma narrativa original, pois pouco se falou sobre o assunto. Por isso este trabalho se torna relevante ao se trazer à luz a impossibilidade do exercício de um direito e do impedimento do dever de informação.

Assim sendo, autores como Lage (2012), Lopes (2013), Marcondes Filho (2009), Pereira (2004), entre outros propiciarão argumentos para conhecer melhor o ser jornalista, o processo de confiabilidade do profissional, a ética do jornalista junto com os direitos humanos, a importância do jornalista junto à sociedade e o processo de escrita de uma grande reportagem impressa.

O relatório está dividido em cinco substitutos, sendo eles: o papel do jornalista na sociedade, o processo de confiabilidade, ética jornalística, grande reportagem impressa e agressão a jornalistas. A narrativa se inicia com uma grande reportagem, com dados da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), e, em seguida, traz relatos de uma pauta perigosa e, depois, do ser mulher no jornalismo, contando casos de assédio, finalizando com a fala de uma cientista política.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

Desenvolver uma grande reportagem impressa com relatos de jornalistas agredidos no Vale do Paraíba.

1.2 Objetivos específicos

- Relatar casos de jornalistas agredidos no Vale do Paraíba, buscando saber como acontece a agressão e quais os tipos.
- Expor atitudes agressivas e machistas por parte dos homens, nas quais mulheres jornalistas foram expostas no exercício de sua função.
- Mostrar jornalistas que foram impedidos de exercer sua função e voltaram para a redação sem a reportagem completa.

2. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho tem por motivação a preocupação com a vida de jornalistas que sofrem ou já sofreram agressão verbal e física, como o caso da jornalista Patrícia Mello, da Folha de São Paulo, que, após fazer uma reportagem sobre as *fake news* nas campanhas eleitorais do Presidente Jair Bolsonaro, no dia 06 de março de 2019, foi atacada no Twitter. O Presidente compartilhou uma reportagem onde a jornalista deu um “furo” ao falar do Porto de Mariel, em Cuba, e usou a palavra furo com insinuação sexual. “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”, twittou o Presidente, que está sendo processado por danos morais. De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, artigo 14º, II parágrafo, o profissional de jornalismo não deve ameaçar, intimidar ou praticar assédio moral ou sexual contra outro profissional. No entanto, o número de jornalistas que são ameaçados e intimidados no Brasil, segundo dados da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), aumentou 36% em 2018. A região Sudeste é onde mais ocorreram casos de violência direta que causaram dano físico, com 94 agressões, de acordo a Fenaj.

Em tempos de pânico na sociedade, o jornalismo é o melhor meio para se informar. De acordo com dados do Datafolha, durante a pandemia do Covid-19, houve um aumento na audiência de jornais televisivos em 61%, compra de impressos em 56%, audiência na rádio em 50% e visualização em sites de notícias, com 38%. No entanto, ainda 12% dizem confiar em redes sociais, como Facebook e Whatsapp, para se informarem durante a pandemia. O Datafolha em 2019, ouviu 1.558 pessoas, e a margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais. No Brasil existem mais de 545 estações geradoras, emissoras independentes, 13.630 estações retransmissoras e 40 emissoras de televisão aberta, de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). O jornal impresso, em 2019, segundo pesquisa do Portal 360, circulava 588,6 mil exemplares de jornais diários. Nesse contexto, a não valorização da profissão e o desrespeito podem ser elementos que acarretam um grande número de pesquisa sobre o caso. Somente no Google Acadêmico são mais de 23.400, sendo elas artigos acadêmicos, artigos científicos, monografias, críticas e revistas. Embora foram apresentadas poucas pesquisas sobre a violência contra jornalistas no Vale do Paraíba. Este trabalho busca trazer a luz e a conscientização da importância do jornalista e da comunicação para a sociedade e academia.

A proposta do tema partiu de uma reflexão das aulas do primeiro ano de jornalismo, que foi apresentado como o quarto poder, no qual foi nos relatado que os meios de comunicação têm o poder de informar à sociedade tudo o que os três poderes – executivo, judiciário e legislativo – falam e fazem, e denunciá-los.

A mídia pode ajudar ou destruir vidas, como o caso da Escola Base, que, com informações não checadas, acabou destruindo a vida de Icushiro Shimada, sua esposa Maria Aparecida Shimada, a prima Paula Milhin de Monteiro Alvarenga e o marido Maurício de Monteiro Alvarenga. Todos foram julgados pela sociedade a partir de uma brincadeira que um menino de quatro anos fez com sua mãe quando chegou em casa. O aluno chegou a sentar em cima da barriga de sua mãe e começou a se movimentar, e disse que é assim que o homem faz na mulher. A mãe, preocupada, começou a questionar o menino e colocou a culpa em Icushiro.

A fofoca se espalhou, outros pais ficaram sabendo e questionaram seus filhos, que contaram histórias parecidas. Indignadas, as mães foram atrás da Rede Globo para denunciar, e em pouco tempo todos os jornais estavam noticiando o fato. Nada foi comprovado. Foi feita uma busca e apreensão na casa de Saulo e Mara, pais que também foram acusados de ceder a casa para os abusos, e nada foi encontrado.

Por outro lado, o jornal também ajuda, quando a TV Globo transmitiu ao vivo, em 2010, a fuga de traficantes do Complexo do Alemão na Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, ajudou os moradores do local a se protegerem e a polícia a encontrar os traficantes.

No entanto, o jornalista não é devidamente valorizado, a violência contra o quarto poder só aumenta e a exposição do jornalista na rua é perigosa. Nas aulas de jornalismo de televisão muito se falou da importância do jornalista se desviar de objetos que possam atingi-lo ou de pessoas que o empurram ou o machucam durante uma reportagem de rua, como o exemplo do repórter da Globo News Nilson Klava, que, enquanto cobria a candidatura de Ciro Gomes à presidência, em 2018, foi empurrado por um manifestante que gritava “Globo golpista”.

Por esses motivos, este trabalho irá trazer algumas inquietações pessoais e relatos, com a finalidade de produzir uma grande reportagem impressa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O papel do jornalista na sociedade

Os jornalistas têm o papel fundamental na sociedade de responsabilidade social e de fiscalização dos três poderes: judiciário, legislativo e executivo. São também “‘cães de guarda da sociedade’, ‘princípio da responsabilidade social’, imprensa como o ‘quarto poder’” (PEREIRA, 2004, p. 03). Desta forma, o conceito de poder está associado a noticiar a verdade e denunciar o que estiver errado, tendo, assim, o poder de derrubar os três poderes mais importantes da democracia. “O poder de um jornal está associado a conseguir captar aspirações, desejos políticos e anseios populares, ele pode se tornar politicamente poderoso” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 169).

Segundo Briggs e Burke (2006), em 1830, 1840 e 1850, o jornal *The Times* era dominante em Londres e se considerava um quarto poder, e na época os jornais já vendiam muito. No ano de 1833, o jornal *Sun*, um *penny press*, vendeu mais de 34 mil cópias e teve sua última edição lançada em 04 de janeiro de 1950. “Grande parte da informação publicada envolvia pessoas comuns – e a polícia. Um relato totalmente ficcional da vida na Lua, ‘A mistificação da Lua’, fazia parte de seu conteúdo de entretenimento” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 194). A forma de escrita narrativa e seu preço acessível chamaram a atenção e faziam com que o jornal não fosse apenas para informar, mas também para entreter. Para Aguiar (2008), o *penny press*, jornalismo impresso de forma barata, contribuiu para atribuir um novo conceito de jornalismo, o qual separa fato de opinião, fazendo com que o jornalismo informativo ganhasse forma e trazendo outros formatos de jornalismo, nos quais o repórter utiliza técnica objetiva e neutra.

Embora o jornal *Sun* não exista mais, os meios de comunicação têm a mesma perspectiva de visibilidade que em 1830 e estão associados ao poder de informar e influenciar a grande massa. Lopes (2013) afirma que, para chegar a um conceito de jornalismo, primeiro precisa afirmar o que ele não é, retirando o que tem semelhança com o jornalismo, como, por exemplo, literatura, publicidade, ciência, arte ou história.

Para entender os elementos que compõem o jornalismo, Kovach e Rosenstiel (2003 apud PEREIRA, 2004, p. 04) listam nove itens essenciais para a profissão.

1. A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre os quais informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (2003 apud PEREIRA, 2004, p. 04).

A obrigatoriedade com a verdade e a lealdade ao cidadão só são possíveis quando se vive em democracia. Durante a ditadura militar no Brasil, o acesso à informação era restrito, não podia divulgar informações contrárias ao governo. Segundo Lopes (2013), o período militar foi de restrições e censuras, e o jornalista era proibido de exercer suas funções. A luta a favor da informação fez com que os jornalistas fossem vistos como corajosos e mitos (LOPES, 2013).

A história do jornalismo e a modernidade da política andam juntas. Quando começou a evoluir e modernizar a política, com vários políticos no parlamento, nasceu a figura do jornalista no seio dos direitos sociais e humanos.

Com efeito, ao apontarem a si mesmos como profissionais, cujo dever é informar ao público aquilo que é de interesse coletivo, os jornalistas dão a entender que não agem em benefício próprio. Sua atividade é, então, percebida como a de um porta-voz desinteressado, ou melhor, cujos interesses repousam sobre o bem comum (LOPES, 2013, p. 104).

A reconstrução errada dos fatos pode condenar o indivíduo. De acordo com Filho (2009), o jornalismo diário tem a função de passar a informação com verdade, reconstruir acontecimentos de maneira tranquila para não mexer na sociedade, deixando o mundo como ele é. Em 1994 vários jornais brasileiros divulgaram um caso de pedofilia na Escola Base, na capital de São Paulo, sem checar as informações. O boato surgiu de um dos alunos, que disse ter visto uma fita pornográfica na casa de um colega da escola e que eles teriam sido levados por uma kombi do proprietário da escola infantil. Segundo Cunha, Lima e Silva (2019), a atuação da mídia nesse caso foi uma simples narração de falas e fatos de personagens que eram considerados confiáveis, tudo embasado na narrativa deles.

Marcondes Filho (2009) fala sobre o poder que uma produção jornalística tem na sociedade e que ela precisa de fatos para acontecer, os quais ocorrem em diversos

planos da sociedade e que diariamente se sucedem. Esses fatos podem acontecer inesperadamente numa sociedade ou podem ser fabricados pela própria indústria jornalística (MARCONDES FILHO, 2009). Ribeiro (1994), citado por Aquino e Bayer, trata dos abusos da imprensa e dá detalhes de como foi a apuração dos fatos, mostrando uma conversa com o repórter e o editor-chefe.

Chegou à redação por volta das oito horas da noite e foi direto conversar com o editor Breitenvielser.

– Como é? A matéria é boa?

– Está redonda, tem fotos de todo mundo, mas não tem prova nenhuma contra a escola.

Editor e repórter conversaram mais um pouco sobre o que poderia ser a manchete do dia. “Se a gente desse a matéria, a gente ferrava o japonês”, conta Antônio Carlos. “Mas se a gente não desse e saísse publicado em outros jornais, quem estava ferrado era a gente”.

– Faço a matéria?

– Faz, mas não pega pesado.

(1994 apud AQUINO; BAYER, 2014, p. 04).

Quando publicada a notícia, novas denúncias foram feitas, e muitas delas não foram realizadas na delegacia, mas sim denunciadas pela imprensa. “A mídia, até então, não tinha ouvido nenhum dos seis acusados, apesar de estarem à disposição para depoimento durante dois dias” (CUNHA; LIMA; SILVA, 2019, p. 10). A investigação sobre o caso não encontrou provas suficientes, e os jornais tiveram que fazer uma retratação sobre o caso. Esse caso mostra que a imprensa, como “quarto poder”, e seu papel na sociedade podem manchar qualquer indivíduo, causando danos permanentes aos envolvidos (CUNHA; LIMA; SILVA, 2019).

3.2 Processo de construção de confiabilidade

Os jornalistas, de acordo com Marcondes Filho (2009), são os grandes monopolistas de público e contêm grande parte do poder da imprensa, pois decidem os temas de nossas conversas. A imagem do jornalista está ligada a de um defensor e promotor da liberdade de expressão e da democracia, pois é dele a responsabilidade de denunciar abusos e desvios do poder público e levar conhecimento para a sociedade (LOPES, 2013).

A não obrigatoriedade do diploma pode prejudicar a relação entre emissor e receptor. Lopes (2013), em sua introdução, faz um comparativo entre profissionais

tradicionais, como medicina, direito e engenharia, que não são questionados sobre sua formação, como acontece no jornalismo. A discussão sobre a necessidade de um profissional de jornalismo ter diploma para exercer a profissão não acontece somente no Brasil. Na França, Inglaterra, Portugal e Estados Unidos a não necessidade do diploma é comum, embora as universidades contenham cursos de jornalismo e fazem discussão a respeito da profissão (LOPES, 2013). Para Chalaby, “o jornalismo não era uma profissão, mas sim uma ocupação provisória” (1996 apud LOPES, 2013, p. 70). Lopes (2013) também explica que os formatos de textos literários no século XIX fizeram com que muitos descreditassem da credibilidade do jornalismo. Ele também diz que os textos não eram informativos e objetivos, e a imprensa francesa utilizava crônicas, artigos e comentários. Logo depois, essa prática, conhecida como modelo francês, influenciou o surgimento da mídia no Brasil.

Para entender o processo de profissionalização do jornalismo no Brasil, Lopes (2013) começa fazendo uma reflexão sobre a identidade jornalística, que se torna uma consolidação dessa atividade como profissão. O crescimento de escolas de jornalismo no Brasil reflete essa valorização da profissão no mercado. Outro ponto importante é que os jornalistas de uma mesma empresa podem desenvolver características parecidas pelo modo como convivem na redação. Mesmo assim, a forma como a sociedade enxerga o profissional passa por três pontos: a exibição, a interdição e a libertação. “Um aspecto marcante para transformações institucionais no jornalismo e para o reconhecimento dessa atividade como profissão é a incorporação na imprensa da concepção de notícia e mercadoria” (LOPES, 2013, p. 69).

A remuneração do jornalista no Brasil começou em 1938, quando o Ministério do Trabalho regularizou a profissão. Antes, o trabalho nas empresas de comunicação era dividido em três setores: administrativo, oficina e, por último, redação. O trabalho do administrativo incluía fazer revisão, expedição e envio para os correios. A oficina fazia o processo de impressão, paginação e encadernação do jornal. Por último, a redação era responsável pelas reportagens (LOPES, 2013).

3.3 Ética jornalística

A ética no jornalismo e o direito de informar andam juntos. Segundo o Código de Ética do Jornalista Brasileiro, art. 1º, todo cidadão tem direito à informação, direito

de ser informado e de ter acesso à informação. O jornalista tem o papel de informar o cidadão, não podendo omitir e manipular as informações ou colocar seus interesses pessoais na matéria. O art. 2º do código de ética explica:

I- A divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica – se pública, estatal ou privada – e da linha política de seus proprietários e/ou diretores. II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público; III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão; IV - a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não-governamentais, é uma obrigação social. V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante (Código de ética. 134. ed. 2014).

O jornalista Jayson Blair, do New York Times, inventava suas histórias e acabou sendo descoberto e demitido. O acontecido foi divulgado em jornais de grande circulação no mundo inteiro. Segundo Ajzenberg (2003), Blair foi pego com 36 fraudes em 73 matérias publicadas desde outubro de 2002 até abril de 2003. “Blair fingia mandar matérias de lugares onde não estava, usava fotos para forjar detalhes que não presenciara, inventava declarações” (AJZENBERG, 2003). Cerca de 600 reportagens de sua autoria, publicadas desde 1998, estão sendo checadas.

Para Rollemberg (2003), Blair foi contra preceitos morais e éticos de sua profissão. “No caso específico do jornalismo, Jayson Blair rasgou a regra mais cara à profissão, que, independente de localização geográfica, rege sua atitude ética por todo o planeta” (ROLLEMBERG, 2003, p. 261). No Código de Ética Brasileiro, o jornalista é responsável por toda informação que ele produz e que é publicada. De acordo com Filho (2009), a falta de ética pode causar danos irrecuperáveis ao público. Informações não checadas, furo, falsificação de histórias e roubo de documentos podem causar mortes. Ele cita como exemplos os rachas, que, se forem divulgados pela imprensa, incentivam a participação do ato.

Os jornalistas que são criticados sobre sua ética se escondem na liberdade de expressão, do direito de comunicar, seja através da fala ou da escrita (MARCONDES FILHO, 2009). No entanto, para Charon (1993), citado por Filho, existem deslizes éticos que o jornalismo não pode cometer:

1. Apresentar suspeito como um culpado.
2. Vasculhar a vida privada das pessoas, publicar detalhes insignificantes de personalidades e de autoridades para desacreditá-las.
3. Construir uma história falsa, seja em apoio a versões oficiais, seja para justificar uma suspeita.
4. Publicar o provisório e o não confirmado para obter o furo; transformar o rumor em notícia.
5. Filmar ou transmitir um suicídio ao vivo.
6. Expor pessoas para provar um flagrante.
7. Aceitar a chantagem de terroristas.
8. Incitar “rachas”.
9. Maquiar entrevista coletiva ou exclusiva.
10. Comprar ou roubar documentos.
11. Gravar à revelia, esconder microfones quando não se trata de casos em flagrante, contravenção ou irresponsabilidade profissional.
12. Omitir que se é jornalista para obter confidências (1993 apud MARCONDES FILHO, 2009, p. 124).

Lage (2012) explica que a ética é um estudo de juízos de valores, seja ele positivo ou negativo, assim como a moral que estabelece regras para sociedade que são eticamente válidas.

Em lugar de certo e inaceitável põe-se obrigatório e, em lugar de possível, põe-se permitido. No entanto, ao contrario da natureza, onde o impossível não acontece, nos sistemas morais o que não é permitido frequentemente ocorre.” (LAGE,2012, p.90).

Embora isso aconteça, o compromisso ético não é apenas do jornalista. “É claro que jornalistas não podem ser éticos sozinhos -se, por exemplo, as empresas e as fontes de informação não o são. (Lage,2012, p.103).

A responsabilidade do jornalista está entre informar e não informar, para Lage (2012) existe um linha de problemas éticos pois algumas informações devem ser mantidas em sigilos e outras precisam ser divulgadas por ser de interesse público, para explicar o assunto o autor cita o exemplo de William Dwight que quando era editor do jornal Holoyoke não divulgou a informação que de um desfalque na bolsa de Nova York, onde o banco estava falindo e para evitar que uma multidão fosse sacar seu dinheiro resolveu não publicar a notícia. O banco faliu e vários pequenos clientes foram prejudicados.

O código de ética dos jornalistas brasileiros assegura a conduta de um profissional de imprensa e de suas responsabilidades.

Art. 6º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, e de finalidade pública, subordinado ao presente código de ética.

Art.7º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

Art. 8º Sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade das suas fontes de informação. (Código de ética. 134. ed. 2014).

Rios e Bronosky (2019), o jornalista é produtor de notícias diárias que informam e afetam a sociedade e noticia as denúncias contra o estado e pessoas comuns. O exercício da profissão de jornalista está ligado com a democracia e a liberdade (VAZ; MEDEIROS, 2014). O artigo 5º da Constituição de 1988 garante a liberdade de expressão e a manifestação de pensamento. Embora exista liberdade, segundo a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), apenas em 2019 foram registrados 208 ataques à imprensa, comparado com 2018, no qual houve um aumento de 54%.

3.4 Agressões a jornalistas

Segundo Melo e Porto Junior (2017), os jornalistas que publicam notícias contendo denúncias e mostrando o lado negativo de alguém são alvos de ataques. “No Mundo, no Brasil, não são poucos os casos de violência, intimidação e mortes praticados contra os profissionais da imprensa, na intenção de amedrontar e silenciar os profissionais” (MELO; PORTO JUNIOR, 2017, p. 09). De acordo com dados da Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas), publicados no dia 03 de maio de 2020, foram 179 ataques à imprensa em quatro meses, somente vindos do Presidente da República Jair Bolsonaro. A Federação Nacional fez uma linha do tempo contendo todas as agressões feitas a jornalistas pelo Presidente da República. O documento contém 40 páginas e traz um resumo de todos os ataques, de 04 de janeiro a 30 de abril, com as falas do Presidente pelo Twitter, em *lives* no Youtube e em discursos no planalto.

No dia 12 de janeiro, o Presidente compartilhou uma matéria do Correio Brasiliense dizendo que ele apoiava a tarifa do cheque especial. Em *live*, no dia 29 de

março, o Presidente acusou a imprensa de causar histeria: “Essa histeria que foi plantada aqui no Brasil não foi a imprensa, não, acho que foi o Papai Noel, o Saci-Pererê”. Na saída do Alvorada, no dia 16 de janeiro, o Presidente respondeu com grosseria ao ser questionado sobre a Secretaria Especial de Comunicação Social: “Você tá falando da tua mãe?” (FENAJ, 2020).

Em 2017 a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) realizou uma pesquisa com a agência Gênero e Número e afirma, ser mulher e jornalista é risco duplo (ABRAJI, 2017). A pesquisa teve apoio do Google News Lab, que em entrevistas com 477 mulheres 59% das entrevistadas afirmaram ter sido assediada por colega ou fonte. Sobre a desqualificação do trabalho 67% afirmaram que sua competência foi questionada.

Os ataques não apenas direcionados às mulheres e nem todos vieram do Presidente. No dia 20 de maio de 2020, em Barbacena, Minas Gerais, um cinegrafista e um jornalista de uma filiada da Rede Globo, enquanto faziam uma reportagem, foram atacados por um homem que passava no local. A primeira agressão foi verbal; em seguida, o homem desceu do carro e começou a agredir os profissionais com seus próprios equipamentos de gravação. Segundo o site Globo, o homem atingiu o jornalista com o tripé da câmera, e o cinegrafista precisou ser encaminhado para o hospital.

Em 2019, a Fenaj contabilizou 28 casos de intimidação, 15 agressões físicas, 10 casos de censura, 5 de cerceamento à liberdade, 2 casos de injúria racial, 2 violências contra a organização sindical e 2 assassinatos (FENAJ, 2019). Estudos feitos por Gastaldello e Penteado (2016) mostram a saúde dos jornalistas: vocal/expressividade (três: 37,5%); saúde mental (quatro: 50%) e saúde alimentar/nutricional (um: 12,5%), tendo em vista que a saúde alimentar afeta toda a saúde.

Cabe destacar que os alimentos energéticos e à base de cafeína têm efeitos inibidores do sono e são neuroestimulantes, e o seu consumo é comum entre trabalhadores de categorias que precisam se manter alertas por longos períodos, apesar de já se sentirem acometidos pelo cansaço (GASTALDELLO; PENTEADO, 2016, p. 07).

A atividade jornalística, segundo Bronosky e Rios (2019), está em um acirramento social que oferece risco à profissão. Eles citam quatro consequências para a profissão:

Entre as principais consequências para a atividade jornalística listadas a partir deste estudo estão: 1) as manifestações de violência contra jornalistas impedem o exercício profissional; 2) quando não resultam em impedimento da atividade, os ataques contra jornalistas acabam por afetar a qualidade da oferta noticiosa; 3) este cenário de acirramento compromete o livre exercício da atividade e a fruição do direito à informação pelos cidadãos; 4) o prejuízo no acesso às informações credíveis acaba por afetar também a consolidação do projeto democrático (BRONOSKY; RIOS, 2019, p. 13).

Quando agredido, o jornalista não consegue desenvolver seu papel na sociedade, pois está sendo ameaçado. Quando o jornalista não consegue terminar de apurar o conteúdo, podem conter, no final da reportagem, alguns erros e uma distorção dos fatos. Pode-se observar o quanto a violência afeta a informação e o direito ao acesso, pois houve prejuízo na apuração dos fatos. Os riscos da apuração e da produção da notícia não dão ao jornalista liberdade nenhuma (BRONOSKY; RIOS, 2019).

Bronosky e Rios (2019) fazem um questionamento sobre o exercício dessa profissão:

E se os jornalistas não conseguem trabalhar com a necessária autonomia para questionar quem e o que deve ser questionado, para revelar aquilo que forças dominantes querem que permaneça escondido ou, ainda, para oferecer interpretações críticas sobre os fatos, qual será a possibilidade de que as pessoas disponham das informações necessárias para a tomada de decisões? (BRONOSKY; RIOS, 2019, p. 14).

Tranquina (2005), citado por Vaz e Medeiros (2014), diz que “poucas profissões e poucos profissionais têm sido objeto de tanto escrutínio intensivo e tanta crítica escaldante quanto o jornalismo e os jornalistas. O jornalismo e os jornalistas tornaram-se notícia”, observa (2005, apud VAZ; MEDEIROS, 2014, p. 02).

3.5 Grande reportagem impressa

No século XIX, o conceito de jornal e revista era direto e objetivo, diferente do que ele é hoje. “O fato de existir um fosso separando os interesses das elites daquelas classes menos favorecidas acabou determinando em diferentes formas de narrar os

fatos e, mais adiante, de diagramar os jornais voltados para cada público específico” (GONTIJO, 2004, p. 224). Com a modernização da imprensa, o jornalismo começou a ganhar um novo modelo, que era utilizado na imprensa norte-americana, as notícias com lide, objetivas e impessoais. Logo depois, surgiu uma diagramação mais atrativa para o público. Citado por Bulhões e Sobral (2016), Nilson Lage (2001) explica o modo de abordar a linguagem jornalística:

Projetistas gráficos, repórteres fotográficos e redatores [que] não são artistas ou intelectuais: são trabalhadores de uma indústria de prestação de serviços que opera com bens simbólicos. Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga ‘que notícia bem escrita!’, ou ‘layout espetacular!’; o redator ficará gratificado se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito (2001, apud BULHÕES; SOBRAL, 2016, p. 09).

A reportagem no jornalismo pode ser *on-line* ou impressa, por meio de revista ou jornal. O gênero da reportagem é híbrido, pois utiliza diversas formas para informar e manter seu público engajado na leitura. As entrevistas, infográficos e até mesmo as charges são usados para compor a reportagem no impresso. O gênero usado na reportagem, segundo Brocardo e Costa-Hubes (2004), faz com que ela seja mais aprofundada.

De início, podemos constatar que este gênero representa uma atividade textual de grande importância na esfera jornalística, uma vez que objetiva a divulgação de um fato, porém de maneira mais aprofundada, apresentando elementos de comprovação, descrição detalhada e, em muitos textos, destacam-se até recursos de argumentação. Pode-se afirmar, portanto, que se configura como uma notícia ampliada (BROCARD; COSTA-HUBES, 2004, p. 08).

Para Sousa (2001), a reportagem significa contar histórias com um grande espaço de contextualizá-las e aproximar o leitor delas. “O principal objetivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história” (SOUSA, 2001, p. 259).

Toda reportagem possui um gênero, o interpretativo traz ao leitor a informação a grosso modo. “A interpretação objetiva oferece ao leitor os fatos que permite estabelecer conclusões – sem fechar conclusões. (LAGE, 2012, p.136). Já a reportagem especializada de acordo com Lage (2012) é um espaço privilegiado para

as notícias jornalística, ela tem um público específico. Quanto maior for o interesse jornalístico, maior a abrangência de público que essa reportagem pode alcançar.

O jornalista dá voz a várias pessoas; no entanto, ele também precisa ser ouvido, virar pauta, pois, de acordo com Melo e Porto Junior (2017), os casos de violência contra jornalistas acontecem para impedir o exercício da profissão, uma vez que eles têm o dever de informar e denunciar. “Os insatisfeitos com a propagação da notícia se envolvem em agressão de modo a censurar e impedir o livre exercício da profissão” (MELO; PORTO JUNIOR, 2017, p. 05). Impedir o jornalista de exercer sua profissão é impedir que notícias do cotidiano, como política, cultura, esporte, economia, entre outras, cheguem até o receptor. Com isso é preciso dar voz aos profissionais de comunicação, pois é deles a responsabilidade de manter a sociedade informada.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A grande reportagem impressa, Agressão a jornalista no Vale do Paraíba-SP, apresenta por meio de recursos textuais e visual (gráfico), relatos da vida de três jornalistas que trabalham em jornais e emissoras da região.

O jornalismo interpretativo possibilita ao leitor uma interpretação dos fatos, sem que a opinião do jornalista apareça na matéria e interfira na emissão de conteúdo, a reportagem é construída junto a dados da Federação Nacional dos jornalistas (Fenaj) e da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

Com o objetivo de expor atitudes agressivas da sociedade e descobrir com ela acontece, expor atitudes agressivas e machistas por parte dos homens, nas quais mulheres jornalistas foram expostas no exercício de sua função e mostrar jornalistas que foram impedidos de exercer sua função e voltaram para a redação sem a reportagem completa.

A grande reportagem impressa traz como primeira matéria, história de jornalista, traz o relato de Fernanda Rocha que trabalha em um jornal da região e que diversas vezes foi atacada verbalmente, a matéria traz dados nacionais e regionais. A segunda matéria, pauta perigosa, relata a história da jornalista Camila Lucci, que passou por diversos jornais e emissoras da região, ela explica que as pautas nem sempre eram seguras. A terceira narra a história de Julia Amaral, que sofreu vários assédios, partindo de homens, desde da época que era estagiária. A cientista política Joyce Miranda vem na última folha da grande reportagem explicando que a sociedade que vivemos é historicamente machista.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

A proposta do tema partiu de uma reflexão das aulas do primeiro ano de jornalismo, que foi apresentado como quarto poder, no qual foi nos relatado que os meios de comunicação têm o poder de informar a sociedade de tudo o que os três poderes – executivo, judiciário e legislativo – falam e fazem, e denunciá-los.

Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa exploratória, buscando, primeiro, a familiarização com o tema abordado, conhecimento do Código de Ética dos jornalistas, autores que defendem a lei de imprensa e o papel do jornalismo na sociedade. Após essa pesquisa, foi feita uma coleta de dados a partir de pré-entrevistas e entrevistas com jornalistas do Vale do Paraíba, no interior do estado de SP, que sofreram algum tipo de agressão.

Para as pesquisas bibliográficas, foram utilizados autores, como Lopes (2013), Marcondes Filho (2009) e Lage (2012), entre outros, que discutem sobre ser jornalista, a identidade profissional, o quarto poder, o papel do jornalista e a credibilidade jornalística. Para o produto, foi realizada uma pré-entrevista com os entrevistados, buscando saber se o local que ocorreu a agressão foi no Vale do Paraíba.

A elaboração das pautas foi feita de acordo com a pré-entrevista, buscando em todas as pautas os relatos de jornalistas logo na primeira pergunta. As entrevistas foram realizadas no dia 17 de setembro de 2020, com a jornalista Camila Lucci, via whatsapp, em que foi falado da agressão que ela sofreu em uma manifestação contra a empresa em que a mesma trabalhava. Após a entrevista, foram feitas a elaboração da matéria e a separação daquilo que é viável, para a produção da grande reportagem.

A entrevista com Julia Amaral, jornalista do Jornal Momento, foi realizada em forma de áudio, por whatsapp, na qual a jornalista conta o quanto foi assediada enquanto exercia sua profissão e que se sente desconfortável quando precisa entrevistar um homem. Fernanda Rocha, jornalista da Band Vale, não só contou sobre agressões que ela passou, mas também de amigos de profissão, mostrando que era “comum” na empresa em que trabalha.

A diagramação foi pensada para trazer leveza ao assunto, no painel semântico realizado no mês de setembro, as cores definidas foram os subtons de vermelho e laranja, cores quentes afim de chamar a atenção dos leitores, visto que o vermelho e seus subtons são associados ao fogo, cor cheia de energia.

No entanto o laranja foi substituído pelo roxo para ornar com a foto de capa e a foto da oitava página. A tipografia escolhida no final do produto foi a arial, pela facilidade da leitura.

As fotos de capa e a foto da página oito, foram produzidas em estúdio. O fundo preto e o olho roxo da modelo é comparada a fotos de mulheres que sofreram agressão. Já a roupa social, blazer, e o microfone imita uma jornalista.

O tamanho de impressão da grande reportagem é em formato a4, afim de proporcionar melhor leitura.

6. SINOPSE

De repórter a entrevistado. A agressão a jornalistas no Vale do Paraíba- SP, uma grande reportagem impressa, conta a história de três jornalistas, Julia Amaral, Camila Lucci e Fernanda Rocha, que sofreram agressões enquanto trabalhava para levar informação a sociedade. Desde expulsões a assédios a grande reportagem traz esses relatos de forma interpretativa, dando ao leitor a possibilidade de interpretar o fato.

7. ORÇAMENTO

ATIVIDADE	VALOR UNITÁRIO	QUANTIDADE	VALOR TOTAL
Livros para pesquisa bibliográfica	R\$ 83,00	3	R\$ 250,00
Impressão do Relatório	R\$ 0,30	50 folhas	R\$ 15,00
Impressão da grande reportagem	R\$ 20,00	3	R\$ 60,00
Diagramação	R\$ 146,11	1	R\$ 146,11
Revisão do texto produto e relatório	R\$ 145,89	1	R\$ 145,89,
Encadernação (capa dura)	R\$ 50,00	1	R\$ 50,00
Total:			R\$ 667,00

8. PÚBLICO ALVO

A grande reportagem impressa- Agressão a jornalista no Vale do Paraíba- SP, é direcionada a pessoas que buscam se aprofundar em conteúdos jornalísticos, estudante da área de comunicação e profissionais.

9. VIABILIDADE DE PUBLICAÇÃO

A grande reportagem Agressão a jornalista no Vale do Paraíba- Sp, apresenta como proposta de veiculação jornais e revistas impressas como por exemplo; Imprensa editorial, Observatório da imprensa. Este produto pode, também, ser vinculados a faculdades e universidades que tem o curso de comunicação.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande reportagem imprensa sobre agressão a jornalistas no Vale do Paraíba-SP contou a história de três jornalistas, Fernanda Rocha, Camila Lucci e Julia Amaral, que sofreram agressão enquanto exerciam a sua profissão em emissoras e jornais.

A jornalista Julia Amaral conta que, desde que entrou como estagiária em um jornal em Cruzeiro-SP, percebeu que ser mulher e entrevistar homens era um risco. Na narrativa, ela explica que por várias vezes entrevistados passaram do limite em entrevistas, deixando-a desconfortável. Camila Lucci fala que foi pautada para lugares perigosos e já chegou a ser expulsa de lugares a ponto de não conseguir finalizar a matéria que o redator pedia. Já Fernanda Rocha passou por diversas agressões verbais enquanto era repórter. Os relatos das jornalistas foram contados e explicados de forma interpretativa e a diagramação contém gráficos propôs facilitar a visualização do leitor e melhor compreensão do tema.

Para a construção da reportagem, observou-se que apenas as mulheres quiseram contar seus relatos, pois os homens não apresentaram nenhum relato de agressão verbal ou física. Com isso, verificou-se que as mulheres jornalistas estão propensas a serem agredidas ou humilhadas enquanto exercem sua profissão. As agressões podem vir tanto de xingamento ou de assédios, quanto de abuso de poder. Em e-mails enviados para jornais da região, não houve nenhuma resposta positiva a respeito dos entrevistados. Para encontrá-los, foi preciso mandar mensagens, no particular, para cada um, pois os jornais e emissoras da região não tinham nenhum conhecimento sobre o assunto.

Este trabalho apresentou essas histórias para mostrar como acontecem as agressões e os tipos mais comuns na região, seja ela física, verbal ou até mesmo assédios, expondo, também, atitudes machistas e preconceituosas que as mulheres sofrem no seu dia a dia e mostrando que o jornalista não consegue exercer sua função por causa da sociedade.

O projeto foi desenvolvido partindo de uma preocupação com a vida de jornalistas que sofrem ou já sofreram agressão verbal e física, a fim de saber como é essa realidade na região do Vale do Paraíba-SP, pois, durante as aulas de telejornalismo, muito se falou sobre a importância do jornalista se desviar de objetos

que possam atingi-lo ou de pessoas que possam empurrá-lo ou machucá-lo durante uma reportagem de rua.

O jornalismo tem a função de informar e denunciar os três poderes: executivo, legislativo e judiciário. De acordo com Pereira (2004), desta forma, o jornalismo exerce a função de quarto poder, o qual não é devidamente valorizado, pois a violência só aumenta e a exposição do jornalista na rua é perigosa, visto que, em 2011, a ONU, Organização das Nações Unidas, listou a profissão de jornalista como uma das mais perigosas do mundo.

Para futuras atualizações deste projeto, é preciso ampliar a pesquisa para o estado de São Paulo, a fim de buscar mais fontes para a reportagem, visto que o Vale do Paraíba-SP tem uma opção limitada de veículos e jornais, o que dificulta a produção. Focar nas jornalistas mulheres como vítimas de abuso, seja por chefe, entrevistado ou colega de trabalho, e em como a agressão verbal, física e o assédio impedem a jornalista de exercer sua função e de manter a sociedade informada.

REFERÊNCIAS

AÇÃO DA POLÍCIA PROVOCA FUGA EM MASSA DE CRIMINOSOS NA VILA CRUZEIRO. **G1.Globo**, Rio de Janeiro, nov. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/11/imagens-mostram-criminosos-fugindo-da-vila-cruzeiro.html>>. Acesso em: 16 jun.2020.

AGUIAR, Azevedo Leonel. **Entretenimento**: valor- notícia fundamental. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13/10217>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

AJZENBERG, Bernardo. **A triste saga de Jayson Blair**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om1805200301.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

AQUINO, Bel; BAYER, Diego. **Da série “Julgamentos históricos”**: Escola Base, a condenação que não veio pelo judiciário. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2014/12/10/da-serie-julgamentos-historicos-escola-base-a-condenacao-que-nao-veio-pelo-judiciario/>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

BRASIL. Código de ética. 134. ed. 2014.

BRASIL ESTÁ ENTRE OS PAÍSES MAIS PERIGOSOS DO MUNDO PARA PROFISSIONAIS DE MÍDIA. **ONU**, maio, 2010. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/segurancadejornalistas/contexto/>>. Acesso em: 10 maio. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. 5. ed. São Paulo.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 375 p.

BOLSONARO SOBRE JORNAIS NÃO COBRIREM MAIS ALVORADA. **Correio Braziliense**, Brasília, maio, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/26/interna_politica,858524/bolsonaro-sobre-jornais-nao-cobrirem-mais-alvorada-estao-se-vitimiza.shtml>. Acesso em: 20 maio. 2020.

BOLSONARO INSULTA JORNALISTA COM INSINUAÇÃO SEXUAL. **O Globo**, São Paulo, fev, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-insulta-jornalista-com-insinuacao-sexual-entidades-reagem-24255450>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BROCARD, Rosângela Orol; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **A elaboração do modelo didático de gênero e da sequência didática**: uma perspectiva de trabalho com gênero textual reportagem impressa em sala de aula. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2004-8.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BULHÕES, Gustavo; SOBRAL, Juliana. **Memória do jornalismo**: um resgate da história do jornalismo impresso no Rio Grande do Norte pela visão dos protagonistas. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2016/resumos/R49-0626-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevista**: teoria, prática e experiências. Disponível em: <<http://acaspj.org/wp-content/uploads/2018/03/Livro-Sobre-Entrevistas.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2020.

CUNHA, Amanda Raíssa Corrêa; LIMA, Jéssica Paula Silva; SILVA, Marcos Paulo da. **Princípio de Presunção da Inocência aplicado ao filme “A Caça” e ao caso Escola Base**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0284-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

GASTELDELLO, Laiane Maria; PENTEADO, Zanella. **Saúde e qualidade de vida de jornalistas**: estudo de revisão. Revista Brasileira em Promoção da Saúde. v. 29, n. 2, p. 295-304, abr. 2016.

GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 463 p.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 189 p.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. 2. ed. São Paulo: Paullus, 2013. 269 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser Jornalista**: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. 1. ed. São Paulo: Paullus, 2009. 200 p.

MEDEIROS, Élica. VAZ, Theresa. **Jornalismo e Jornalistas na berlinda**: uma análise da abordagem negativa da imprensa e sua relação com a crise contemporânea da imprensa. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2537-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MELO, Gabriela Pereira; PORTO JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças. **Liberdade de imprensa sob ameaça**: uma análise dos casos de violência contra jornalistas no Tocantins. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3451/9595>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

REPÓRTER MAIS JOVEM DA GLOBO É ATACADO AO VIVO POR MANIFESTANTE. **Entretenimento R7**, jul, 2018. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/prisma/keila-jimenez/reporter-mais-jovem-da-globo-e-atacado-ao-vivo-por-manifestante-29082019>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

PESQUISA DATAFOLHA. **Poder 360**, nov, 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/jornais-no-brasil-perdem-tiragem-imprensa-e-venda-digital-ainda-e-modesta/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em: 03 de jun. 2020.

ROLLEMBERG, Marcelo. Ética de papel. **Revista de Crítica Judiciária USP**, São Paulo, n. 59, p. 258-263, nov. 2003.

RIOS, Aline de O.; BRONOSKY, Marcelo Engel. **Violência contra Jornalista, ameaça à sociedade**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81064/77402>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

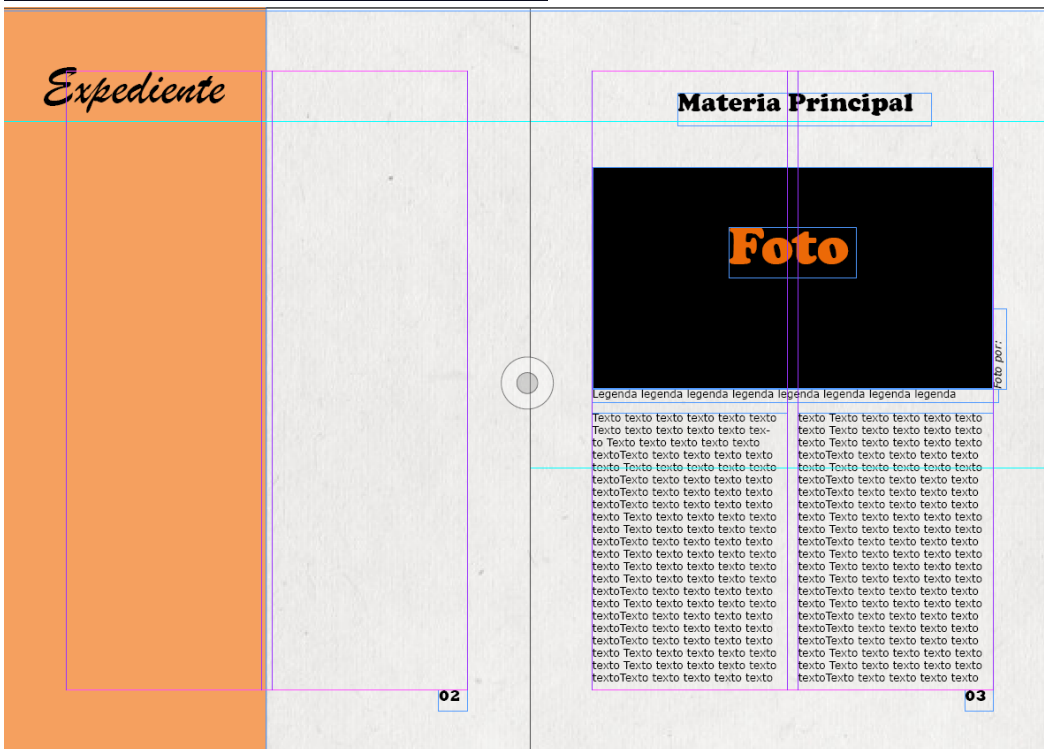
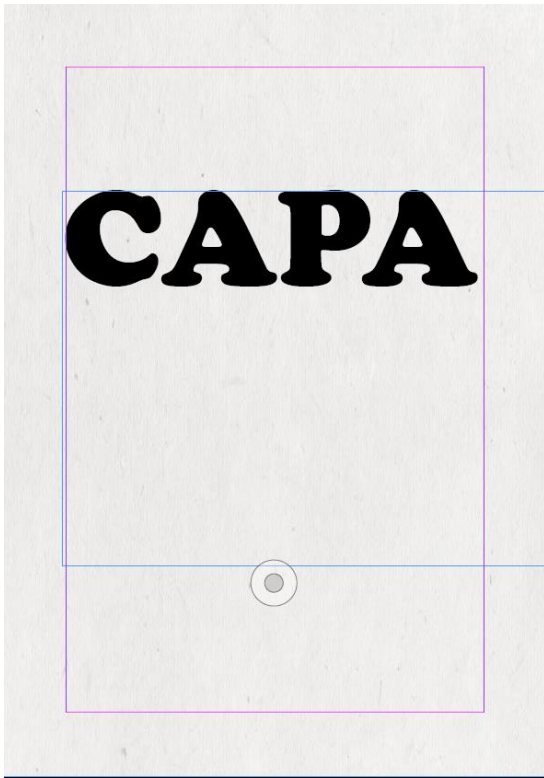
RISCO DUPLO: SER MULHER E JORNALISTA. **Abraji**, mar, 2019. Disponível em: <<https://abraji.org.br/noticias/risco-duplo-ser-mulher-e-jornalista>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

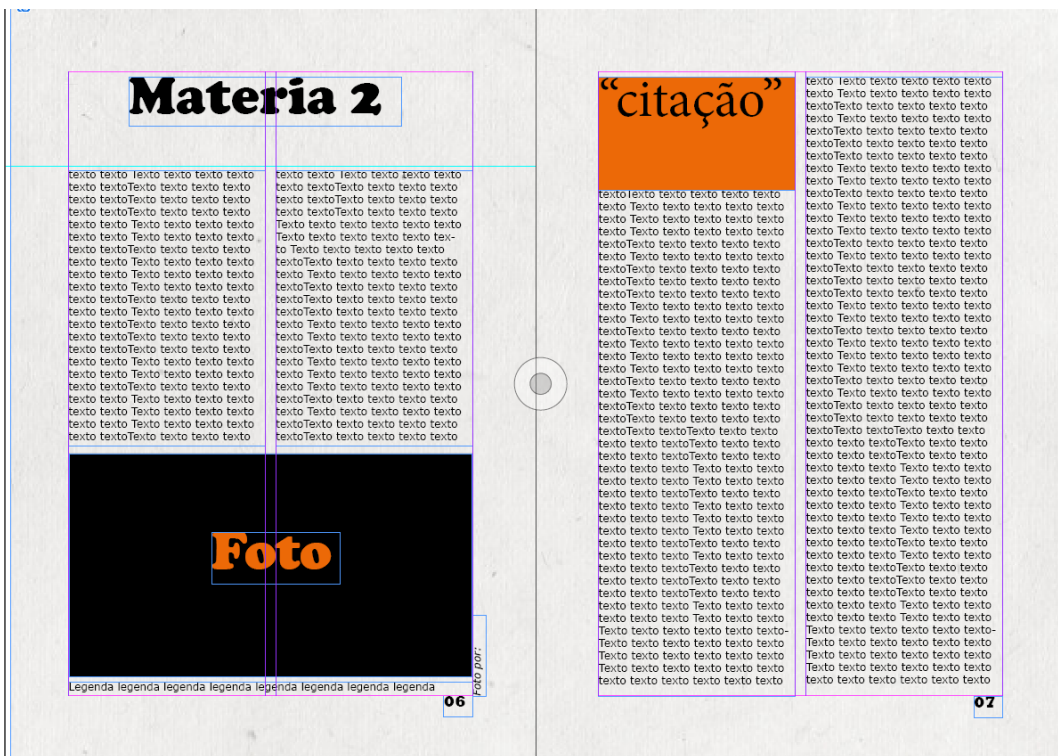
SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

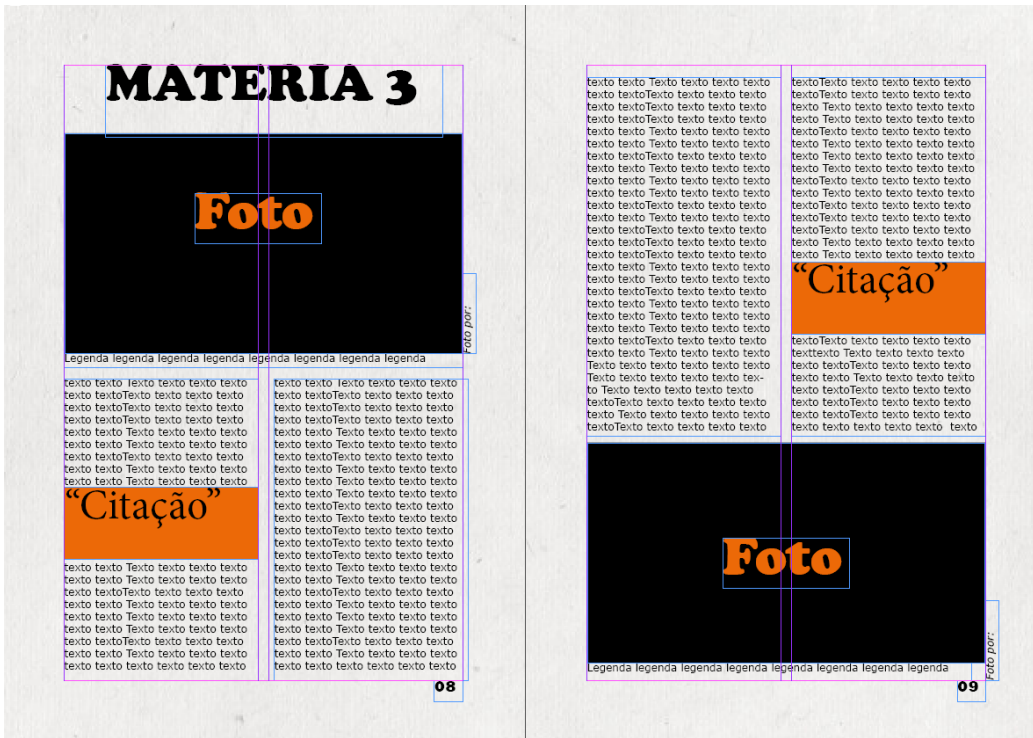
APÊNDICE - Painel semântico



Boneco







Pautas

Pauta

Editora: Helydia	Retranca: Agressão sociedade	Caracteres: 5000
Título da Matéria: História de jornalista	Página: Matéria Principal Páginas 03, 04 e 05	Entrevistado: Fernanda Rocha (Band Vale)

Assunto:

Agressão a jornalistas de emissoras do Vale

Problematização:

- Trazer esses relatos, ligando um com o outro, junto com possíveis políticas públicas, a fim de evitar que esse tipo de agressão continue.

Fontes:

Fernanda Rocha

Telefone: (12) 99170-0771

Sugestão de perguntas:

- 1) Durante o exercício da profissão como jornalista aqui no Vale do Paraíba, você chegou a ser agredida, fisicamente ou verbalmente? Você pode detalhar como realmente aconteceu o fato?
- 2) Já foi pautada para lugares perigosos? Se sim, conte como foi.
- 3) Você chegou a ser impedida de exercer o seu trabalho e concluir a sua matéria durante o ocorrido?
- 4) É possível noticiar e exercer a profissão de jornalista sem sofrer violência?
- 5) Como foi a reação dos seus colegas da empresa onde você trabalhava na época em que aconteceu esta agressão?

- 6) Como você enxerga essas atitudes agressivas por parte da sociedade?
- 7) O que você diria aos seus colegas de profissão que estão sofrendo também com as agressões e incompreensões por parte de algumas pessoas?

Sugestão de imagens:

Ilustração

Pauta

Editora: Helydia	Retranca: Agressão sociedade	Caracteres: 3000
Título da Matéria: Pauta perigosa	Página: Matéria 02 Páginas 06 e 07	Entrevistado: Camila Lucci (tv Aparecida)

Assunto:

Camila Lucci passou por diversas emissoras da região do Vale do Paraíba, já foi agredida verbalmente e já foi expulsa do local, sendo impedida de concluir sua matéria. Em manifestação no ano de 2020, tiveram inúmeras (não há dados exatos sobre o assunto) manifestações contra a imprensa incentivadas pelo Governo.

Em 2020, a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) registrou mais de 245 agressões a jornalistas. A Fenaj afirma que algumas declarações do Presidente colocam a imprensa como “inimiga do País”, quando os jornais publicam algo que desagrade ao Presidente. Assim como ele chama a imprensa de inimiga do governo, que, segundo a Fenaj, é com o objetivo de promover a descredibilização do jornalismo na sociedade e a credibilidade de notícias.

Problematização:

- Trazer o relato de Camila de forma literária, abordando todos os tipos de agressão que a mesma sofreu em todas as emissoras em que passou no Vale do Paraíba.
- Sugestão de como fazer ao se deparar com situações parecidas com as que Camila passou.

Fontes:

Camila Lucci

Telefone: (12) 99750-5488

Sugestão de perguntas:

- 1) Durante o exercício da profissão como jornalista aqui no Vale do Paraíba, você chegou a ser agredida, fisicamente ou verbalmente? Você pode detalhar como realmente aconteceu o fato?
- 2) Você chegou a ser impedida de exercer o seu trabalho e concluir a sua matéria durante o ocorrido?
- 3) Como foi a reação dos seus colegas da empresa onde você trabalhava na época em que aconteceu esta agressão?
- 4) É possível noticiar e exercer a profissão de jornalista sem sofrer violência?
- 5) Como você enxerga essas atitudes agressivas por parte da sociedade?
- 6) O que você diria aos seus colegas de profissão que estão sofrendo também com as agressões e incompreensões por parte de algumas pessoas?

Sugestão de imagens:

Produção de imagens - preto e branco - Mulher com microfone na mão, como se estivesse fazendo uma passagem para a Tv.

Pauta

Editora: Helydia	Retranca: Agressão Mulher	Caracteres: 2500
Título da Matéria:	Página: Matéria 03 Páginas 08 e 09	Entrevistado: Julia Amaral

Assunto:

A Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), em 2017, divulgou uma pesquisa feita pelo CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos). Uma relatoria especial para liberdade de expressão afirma que a mulher no jornalismo é um risco duplo, ressaltando que os direitos fundamentais para o exercício da profissão ainda são impactados pelo gênero, deixando a mulher mais vulnerável à violência.

Problematização:

Pesquisas realizadas pelo Google News Lab afirmam que ser mulher no jornalismo é perigoso. A pesquisa entrevistou 477 mulheres e abordou aspectos como a percepção de atitudes sexistas no trabalho e o impacto do gênero no exercício profissional. Mais da metade (59%) das entrevistadas afirmaram que “presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada no exercício de sua profissão por uma fonte”. Segundo a pesquisa, o jornalismo é desqualificado quando é realizado por mulheres. 67% das jornalistas entrevistadas na pesquisa afirmam que ser mulher no jornalismo é ter sua competência questionada, seja por seus colegas ou superiores.

Fontes:

Julia Amaral: (12) 99766 3947

Sugestão de perguntas:

1) Durante o exercício da profissão como jornalista aqui no Vale do Paraíba, você chegou a ser agredida, fisicamente ou verbalmente. Você pode detalhar como realmente aconteceu o fato?

- 2) Você chegou a ser impedida de exercer o seu trabalho e concluir a sua matéria durante o ocorrido?
- 3) Como foi a reação dos seus colegas da empresa onde você trabalhava na época em que aconteceu esta agressão?
- 4) É possível noticiar e exercer a profissão de jornalista sem sofrer violência?
- 5) Como você enxerga essas atitudes agressivas por parte da sociedade?
- 6) O que você diria aos seus colegas de profissão que estão sofrendo também com as agressões e incompreensões por parte de algumas pessoas?
- 7) Existe diferença entre ser jornalista mulher e ser jornalista homem? Você sentiu essa diferença?
- 8) Já foi menosprezada por ser mulher dentro do jornalismo? Se sim, pode contar como aconteceu?

Sugestão de imagens:

Gráfico e produção de fotos

Pauta

Editora: Helydia	Retranca:	Caracteres: 700
Título da Matéria:	Página 12	Entrevistado: Joyce Miranda Leão Martins. Professora da FESPSP. Doutora em Ciência Política pela UFRGS.

Assunto:

Entrevista com especialista, de acordo com os dados coletados de todas as entrevistas. Pedir uma opinião sobre cada assunto

Problematização:

- Mostrar o porquê a sociedade age, buscando saber o que o jornalista deve fazer para evitar e fugir de situações que colocam em risco sua vida.

Fontes:

Joyce Miranda Leão Martins. Professora da FESPSP. Doutora em Ciência Política pela UFRGS. (11) 95336-1997


Sugestão de perguntas:

- 1) As agressões a jornalistas no Vale do Paraíba- SP, acontecem mais com as mulheres, desta forma é possível afirmar que a região é uma região machista?
- 2) Existe um jeito de fugir desses ataques?
- 3) Existem tradições e costumes que levam a sociedade enxergar a mulher como frágil?

Sugestão de imagens:

Ilustração – dados

Grande reportagem



**Agressão a Jornalistas
no Vale do Paraíba- SP**

Relatos de Jornalistas agredidos

foto: Guilherme Simões

Expediente

Editora: Helydia Maria

Diagramação: Diego Rodrigues

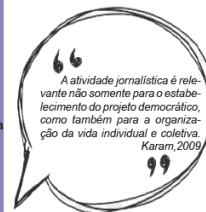
Desing: Helydia Maria

Fotografia: Helydia Maria e
Guilherme Simões

Revisão ortográfica: Thuany
Simões

Orientação: Prof. Me. Ana Paula
Teixeira Guimarães Jardim

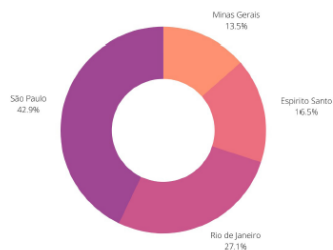
Faculdade Canção Nova



02

História de Jornalista

Agressão a jornalistas no Brasil, no ano de 2019, atingiu o número de 94 agressões, as quais estão divididas por região, sendo a região sudeste com o maior número de casos, de acordo com o documento divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em seu portal on-line. O norte do país apresenta um número menor de casos, com apenas 6, em seguida, vem o nordeste, com 11 casos. O sul do país aparece com 15 agressões, o centro-oeste com 19 casos e o sudeste liderando com 44 casos, representando 46,81%. Dentro da região sudeste, a cidade de São Paulo aparece com 42,9% dos casos, como mostra o gráfico.



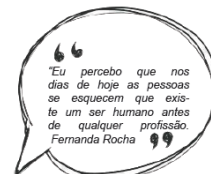
Fonte: Fenaj 2019

O mesmo documento da Fenaj mostra dados de violência por mídia. Os profissionais que trabalham na televisão estão no topo da pesquisa, 28,23%, com 35 agressões diretas; em seguida, vêm os profissionais que trabalham em jornais, com 33 agressões. Os profissionais de mídia digital apresentam 18,55%, totalizando 23 agressões, os de revista com 8 casos, 6,45%, os de rádio com 6 casos, 4,48%, os de assessoria de imprensa com 3 casos, 2,42%, e os de agência de notí-

cias com 0,8%, totalizando 1 caso. Xingamentos e incompreensões da população fizeram parte da rotina da jornalista Fernanda Rocha, enquanto trabalha em uma emissora da região do Vale do Paraíba-SP. Produtora e editora de texto, Fernanda recebia lições com sugestões de pautas de moradores que desejavam que seu bairro aparecesse no jornal, porém muitas dessas sugestões não eram de interesse público ou o fluxo da redação não comportava tal notícia.

03

Ao retornar negativamente, a jornalista e a emissora recebiam diversas acusações. “Recebi respostas do tipo: “você são vendidos para a prefeitura, são todos uns fracassados que não têm coragem de resolver o meu problema”, conta Fernanda.

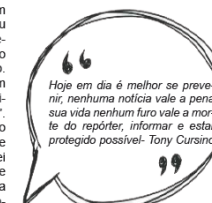
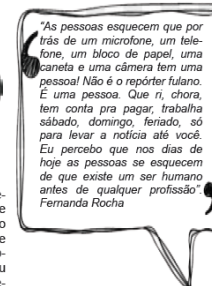


Na rua, o jornalista está vulnerável a todo tipo de ataque. Durante uma reportagem sobre um presídio da região, Fernanda foi impedida de fazer imagens do lado de fora do local e ameaçada de ser exposta ao seu superior sobre o que estava acontecendo. A jornalista conta que ouviu: “Vou ligar para seu chefe, caso essa matéria vá ao ar”. Fernanda faz um alerta para quem passa ou já passou por isso: “Procure ajuda da sua chefe, ajuda médica, psicológica. Não enfrente essas situações sozinho. Não aceite de cabeça baixa e siga em frente. Violências não são apenas físicas e, com o tempo, geram marcas”.

Fernanda também conta que o perigo começa quando se é mulher e precisa ir a alguns locais. “Eu precisei passar uma madrugada na frente de um hospital em Taubaté, onde estava internado, em 2018, o ex-médico Roger Abdelmassih. Eu precisava acompanhar e ficar atenta se ele iria sair

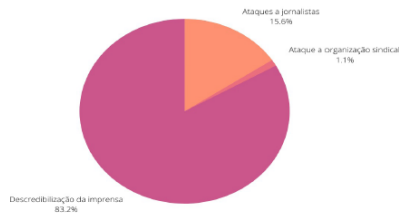
04

de madrugada. Estava sozinha, sem ninguém mais da emissora, e poderia acontecer algo comigo. Felizmente, outros amigos da imprensa estavam lá e ficamos todos juntos. Por fim, ele saiu somente na noite do dia seguinte”.



Pauta perigosa

Chegar à empresa, conversar com os pauteiros, preparar-se para a gravação, encontrar com os entrevistados, fazer uma passagem e voltar à emissora para fazer a decupagem do material. Assim era a rotina da jornalista Camila Lucci, enquanto trabalhava de repórter. Pautada para um protesto contra um político da cidade, a jornalista se preparou e foi junto com seu cinegrafista registrar o caso. Ao chegar ao local, o protesto não era contra um político, mas sim contra a emissora em que trabalhava. Camila e seu cinegrafista foram atacados verbalmente e, sem responderem, foram embora, sem discutirem com ninguém. “E todas as vezes em que a equipe está na rua para uma entrada ao vivo ou uma gravação, recebe um xingo, uma interferência com palavrões, e quase sempre a gente é obrigado a parar”, disse a jornalista. O caso de Camila é mais comum do que se imagina. Apenas no começo do ano de 2020, de janeiro a abril, a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) registrou mais de 179 agressões a jornalistas, e algumas delas aconteceram em manifestações contra a democracia incentivadas pelo Presidente Jair Bolsonaro. Os dados são separados por ataques a jornalistas, descredibilização da imprensa e ataques à organização sindical.



Fonte: Fenaj 2020

Embora o número de ataques à imprensa seja menor do que o de descredibilização, em comparação com 2018, o total de descredibilização e ataques foi de 114 durante o ano inteiro, de acordo com dados da Fenaj. No ano de 2018, houve um aumento de 54%, chegando a 208 ataques. No segundo semestre de 2020, a Fenaj divulgou uma nota atualizando os números que, de janeiro a setembro,

05

somente do Presidente Jair Bolsonaro foram registrados 239 descredibilizações da imprensa e ataques a jornalistas. A Fenaj afirma que algumas declarações do Presidente colocam a imprensa como “inimigos do país”, quando os jornais publicam algo que desagradam ao Presidente. Assim como ele chama a imprensa de inimiga do governo, que, segundo a Fenaj, é com o objetivo de promover a descredibilização do jornalismo na sociedade e a credibilidade de notícias. No processo de construção de pauta, o pauteiro faz toda a apuração do assunto, mas não consegue visualizar as condições que o repórter vai encontrar. Camila foi pautada para diversos jogos de futebol, mas nunca conseguia prever o que iria acontecer. Em volta do gramado, a torcida vibrava com o jogo, mas, ao ver que o jogo não estava indo bem, como desejava, a torcida se enfurecia, mostrando-se perigosa e causando medo em quem estava a trabalho. Durante uma partida de futebol, Camila e seu cinegrafista foram expulsos do estádio com escolta policial. “Fomos xingados pela torcida, até palavrões contra nós eram cantados em coro”, segundo a repórter. Com a sensação de impotência e indignação, a jornalista conta que dividia com seus colegas essas experiências desagradáveis, assim que chegava à redação. “Jornalista presta serviço e é agredido todos os dias”. Para Camila isso é violência contra o profissional de imprensa. Embora não seja frequente na região em que trabalha, isso dificulta muito o exercício da profissão. O papel do jornalista é informar, indo buscar informação para o bom andamento da sociedade. Informar quando a tarifa de ônibus vai aumentar,

quando a cidade fica sem transporte público. A imprensa precisa verificar o que está acontecendo e manter a sociedade informada. A função do jornalismo é também ser a voz da sociedade, deixar a população consciente de seus direitos e oferecer espaço para que possa se defender. Quando o profissional da imprensa sofre ameaça, quem perde é toda a sociedade, e não só o veículo ou o profissional, só o veículo ou o profissional, explica Camila.

“Respire fundo e seja frio! Diante de qualquer sinal de violência a sua maior proteção é o amor próprio. Vá embora! Essa é a sua maior defesa! Bater boca com quem não conhece sua história profissional não vale a pena. Camila Lucci”

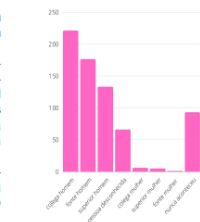
“Segundo o código de ética do jornalista artigo 8º: “O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor.”

06

Mulher no jornalismo

Entrevistar o sexo oposto sempre foi desagradável para a jornalista Julia Amaral. Piadas sem graça, cantadas, toques e até conversas de whatsapp fora do horário comercial são comuns quando, em sua pauta, precisava entrevistar um homem. Desde que começou como estagiária em um jornal de Cachoeira Paulista-SP, era alvo de assédio. “É muita falta de noção, quando somos mulheres”, conta a jornalista, que já foi assediada por vários homens, inclusive políticos da região. Em 2019, a Fenaj divulgou um relatório de violência contra o jornalista, o qual explica os tipos de violência, os estados mais violentos e quem são os agressores. Os políticos foram os que mais atacaram a imprensa, com 69,23%; em seguida, não identificado, com 5,30%, populares com 3,85%, dirigentes de clubes de futebol, torcedores, empresários, empresário da comunicação, jornalistas, juizes, promotores e ministros com 3,36%, policiais e seguranças com 2,90% e manifestantes com 2,40%. Já em 2017, a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) divulgou uma pesquisa feita pelo CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos). Uma relatoria especial para liberdade de expressão afirma que a mulher no jornalismo é um risco duplo, ressaltando que os direitos fundamentais para o exercício da profissão ainda são impactados pelo gênero, deixando a mulher mais vulnerável à violência. A pesquisa realizada pelo Google

News Lab entrevistou 477 mulheres e abordou aspectos como a percepção de atitudes sexistas no trabalho e o impacto do gênero no exercício profissional. Mais da metade (59%) das entrevistadas afirmaram que “presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada no exercício de sua profissão por uma fonte”. Segundo a pesquisa, o jornalismo é desqualificado quando é realizado por mulheres. 67% das jornalistas entrevistadas na pesquisa afirmam que ser mulher no jornalismo é ter sua competência questionada, seja por seus colegas ou superiores. Julia explica que já recebeu várias mensagens com comentários maldosos e maliciosos. Um deles, uma fonte, mandou mensagem de madrugada perguntando sobre pautas. A Abraji também fez um levantamento com as jornalistas da pesquisa que mostra que 46,3% das entrevistadas foram assediadas com cantadas que as deixaram desconfortáveis durante o exercício da profissão, como mostra o gráfico a seguir.



Fonte: Abraji 2017

07

No entanto não são apenas jornalistas que sofrem algum tipo de agressão ou assédio, todas as mulheres estão sujeitas a isso, em 2020 com base nos boletins de ocorrência e na estatística criminal da secretaria estadual da segurança pública do estado de São Paulo, a Globonews e o G1 fizeram um levantamento que mostra que no primeiro semestre do ano foram 87 casos de feminicídio, em comparação com 2016 foram 56 casos a mais.

Na lei Maria da Penha, parágrafo 2, artigo 3, número 11,340 afirma que,

“Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”

“As agressões as mulheres podem estar relacionadas a cultura de um local, a cultura política. Joyce Miranda”



Foto: Helys Maria

08

Ser mulher na sociedade

Na idade média, as mulheres eram submissas à figura masculina, mas, com o passar dos anos, elas foram conquistando seus direitos de cidadãs, o que ainda não foi o suficiente, afirma Joyce Miranda Leão Martins, professora da FESPSP e doutora em Ciência Política pela UFRGS. Para que a mulher possa, de fato, ter sua liberdade e, assim, conseguir uma igualdade de gênero, é preciso políticas públicas com leis mais eficazes contra a agressão à mulher.

A falta da mulher na política, segundo Joyce, prejudica quando temos assuntos importantes para serem votados no Senado ou na Câmara de Vereadores. Enquanto isso, nada é feito para evitar que a agressões físicas e verbais aconteçam.

Embora o número de jornalistas mulheres agredidas ou assediadas seja alto no Brasil, na região do Vale do Paraíba-SP, onde foram encontradas apenas jornalistas mulheres para as reportagens, Joyce Miranda, relata que a região não pode ser considerada machista apenas por esse dado. No entanto, ela afirma que "as democracias ocidentais, democracias que se iniciaram excluindo mulheres e negros da política, fizeram com que seja uma região machista, e isso está marcado na história do Brasil".

Agradecimentos

Agradeço pelo colaboração e disposição da modelo Carolina Andrade, assim como as jornalistas que disponibilizaram um pouco de seu tempo para compartilhar suas histórias e a Prof. Me. Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim pela orientação que foi de grande importância para o crescimento.

ANEXO - Autorização de imagem



Formando Homens Novos para o Mundo Novo

AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ PARA TRABALHO ACADÊMICO

Eu, Camila Lucci
portador do RG 29910.136-8, autorizo o uso de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedidos para compor a grande reportagem impressa- Agressão a Jornalistas no Vale do Paraíba, produzido para fins acadêmicos na Faculdade Canção Nova.

O projeto, de caráter acadêmico, será produzido por: Helydia Maria Ramos Rezende, RG: 39 886 836-0, aluna do curso de Jornalismo, da Faculdade Canção Nova, RA 0000005600, sob a orientação do professor (a) Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim.

Caso a publicação venha a ser comercializada, nova autorização deverá ser emitida.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem ônus para ambas as partes

Cachoeira Paulista, 27 de novembro de 2020.

Assinatura (entrevistado)

Assinatura da (aluna)

AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ PARA TRABALHO ACADÊMICO

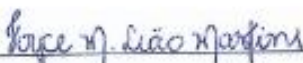
Eu, Joyce Miranda Leão Martins portadora do RG 2002009065668, autorizo o uso de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedidos para compor a grande reportagem impressa- Agressão a Jornalistas no Vale do Paraíba, produzido para fins acadêmicos na Faculdade Canção Nova.

O projeto, de caráter acadêmico, será produzido por: Helydia Maria Ramos Rezende, RG: 39 886 836-0, aluna do curso de Jornalismo, da Faculdade Canção Nova, RA 0000005600, sob a orientação do professor (a) Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim.

Caso a publicação venha a ser comercializada, nova autorização deverá ser emitida.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem ônus para ambas as partes

Cachoeira Paulista, 27 de novembro de 2020.





Assinatura da (aluna)

AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ PARA TRABALHO ACADÊMICO

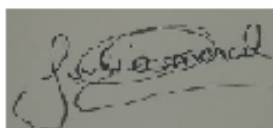
Eu, Julia Oliveira do Amaral, portador do RG 549408551, autorizo o uso de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedidos para compor a grande reportagem impressa- Agressão a Jornalistas no Vale do Paraíba, produzido para fins acadêmicos na Faculdade Canção Nova.

O projeto, de caráter acadêmico, será produzido por: Helydia Maria Ramos Rezende, RG: 39 886 836-0, aluna do curso de Jornalismo, da Faculdade Canção Nova, RA 0000005600, sob a orientação do professor (a) Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim.

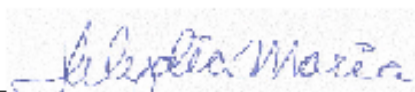
Caso a publicação venha a ser comercializada, nova autorização deverá ser emitida.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem ônus para ambas as partes

Cachoeira Paulista, __27__ de outubro de 2020.



Assinatura (entrevistado)



Assinatura da (aluna)

AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ PARA TRABALHO ACADÊMICO

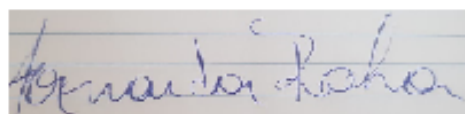
Eu, Fernanda Carolina e Silva Rocha Pinto portador do RG 463658565, autorizo o uso de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedidos para compor a grande reportagem impressa- Agressão a Jornalistas no Vale do Paraíba, produzido para fins acadêmicos na Faculdade Canção Nova.

O projeto, de caráter acadêmico, será produzido por: Helydia Maria Ramos Rezende, RG: 39 886 836-0, aluna do curso de Jornalismo, da Faculdade Canção Nova, RA 0000005600, sob a orientação do professor (a) Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim.

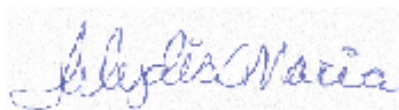
Caso a publicação venha a ser comercializada, nova autorização deverá ser emitida.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem ônus para ambas as partes

Taubaté, 26 de novembro de 2020.



Assinatura (entrevistado)



Assinatura da (aluna)



Formando Homens Novos para o Mundo Novo

**AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ PARA TRABALHO
ACADÊMICO**

Eu, ANTONIO CESAR CURSINO FERREIRA
portador do RG 07127245-4, autorizo o uso de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedidos para compor a grande reportagem impressa Agressão a Jornalistas no Vale do Paraíba, produzido para fins acadêmicos na Faculdade Canção Nova.

O projeto, de caráter acadêmico, será produzido por: Helydia Maria Ramos Rezende, RG: 39 886 836-0, aluna do curso de Jornalismo, da Faculdade Canção Nova, RA 0000005600, sob a orientação do professor (a) Ana Paula Teixeira Guimarães Jardim.

Caso a publicação venha a ser comercializada, nova autorização deverá ser emitida.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem ônus para ambas as partes

Cachoeira Paulista, 29 de outubro de 2020.

Assinatura (entrevistado)

Assinatura da (aluna)

